

ILLUSTRAÇÃO

EDIÇÃO SEMANAL
Empreza do Jornal O SECULO

José Joubert Chaves
EDITOR

PORTUGUEZA

Toda a correspondência relativa a esta publicação deve ser dirigida
com o endereço *Illustração Portuguesa—Lisboa*

Redacção, administração, atelier de desenhos e officinas de photographia, photogravura, zincographia, stereotypia, typographia e impressão—Rua Formosa, 43—LISBOA

PRIMEIRO ANNO

SEGUNDA FEIRA, 19 DE SETEMBRO DE 1904

NUMERO 46



ALEXANDRE HERCULANIO DE CARVALHO ABRUJO

Ilustre mestre da historia e de romans em Portugal, e auctor de tantas obras de tanto tempo, que desampelava o cargo de bibliothecario nos archivos do Porto, desmitido-se por occasião do ataque de liberdades em 1836, dirigiu a *Panorama* e publicou em 1835 a *Harpa do Oriente* a que se seguiram os romances *Monge de Oister*, *Barico*, *O Bobo*, *Lendas e narrativas*, a *Historia de Portugal* sob D. Affonso III, o que é um monumento, a *Historia do Estabelecimento da Inquisição*, de varios opusculos e ainda muitas outras obras primas. Foi bibliothecario d'elrei D. Fernando, o vice-presidente da Academia Real das Sciencias. Carácter honrado e digno, homem de tempera forte, retirou-se da sociedade e foi viver para Valle de Lobos, onde falleceu em 11 de setembro de 1877. Jas no Pantheon, onde lhe foi erigido um tumulo por subscripção publica.

Tomou parte na revolta de 4 d'infancia em 1831 e fugiu a bordo da fragata *Melpomene*, tudo para Plymouth, e depois para Plymouth, sahindo d'all para Jersey e depois para Rouen. Desta cidade foi para a Terceira a incorporar-se no exercito de D. Pedro e desamburca com os 7500

CHRONICA

Fructas do tempo

Toda a fructa tem seu tempo e sobretudo os seus devotos. Ha o tempo das grifas eguaes a bagas de sangue, dos figos de capa rota, das uvas summa-reintas, dos limões verdes, das castanhas que são ás vezes como um palmo de pau que se mette no corpo e das facadas que são sempre um ou dois palmos de ferro que entram na nossa integridade.

Agora é o tempo das melancias e das faculas. Os jornaes veem cheios de locaes a seu respeito, com pormenores, com detalhes, com retratos dos cultivadores d'essa fructa que parece ter agora o seu tempo.

A facuda nasce nos terrenos da Mouraria, desenvolve-se, cresce, cria audacias, vem quando ha um crime, uma rixa, uma pugna, ou uma bebedeira. De roda d'ella como adubo ha a ignorancia, o

dividiuos que só fizeram bem e que por isso lhes querem mal, devem defender-se, d'ahi, a faca; ainda outros são marujos, soldados, serralleiros, operarios sem trabalho e logo precisam de andar armados.

N'estas ultimas semanas a navalha tem estado no galarim, ten-se tornado notavel, tem sido o prato do dia. De todos os pontos do paiz chegam noticias da heroína, de todas as viellas veem novas suas, na Boa-Hora enchem-se resmas de papel selado por sua causa e começa a provar-se que a navalha é a verdadeira panacea para curar d'uma vez os males da nação. Ha por ahi unitta gente com doencas incuraveis, com fome, com desesperos, com ideias de suicidio, com faltas de dinheiro e com desditas. Os electricos está já provado que não chegam para todos, os comboios do mesmo modo são insufficientes, os automoveis dão uma pequena percentagem e d'ahi o entrar em scena n'estes ultimos tempos com mais frequencia a navalha, que acaba com todos os soffrimentos.



TUMULO D'ALEXANDRE HERCULANO NA REAL CASA PIA DE LISBOA

Muita gente se admirava que ella tivesse de repente a sua epoca e nós pertencemo. a esse numero, porque não acreditavamos na falta de vigilancia das multitudes, que por tudo velam, pela segurança nos theatros, para que os espectaculos acabem á meia noite, para que não se escurre nos americanos, para que não haja ajuntamentos as esquinas. Agora vemos que se trata d'uma medida de salvacao e, além d'isso de que é o tempo proprio d'essa fructa, que busca os intestinos e as melancias, que ainda se apegam... á faca.

ROCHA MARTINS.



A CASA DA ANTIGA BIBLIOTHECA DO PAÇO D'AJUDA E ONDE RESIDIU HERCULANO

incitamento, as prosapias de valentia, como enfi-te a calça da bocca do sino, o chapen desabado, a cinta e a guitarra.

E' uma epidemia, é como uma fructa só propria d'aquelles logares onde se deciltra e se bate o fado. A facuda, mercê da publicidade, chega a fazer notabilidades, chega a arranjar verdadeiras reputações. Discute-se o faquista como a um politico ou como a um litterato. Fala-se da maior ou menor maestria com que mettem o ferro, da hora a que o fez, do local, da roupa branca que elle usa. Apaixonada.

Na escala do vicio ganha galões por cada palmo de ferro que consegue metter nos corpos dos parceiros, conquista por vezes, além da fama, sympathias, enterneece os jurados e as mulheres, é cantado nos papeis publicos e a historia do seu crime vende-se um verso de cordel feitos no Limoeiro como as escovas e os chapuchos.

No tribunal arranja sempre um dito, faz por vezes rir, ao arrastar a voz para dizer:

— Navalha, senhores jurados! Qual navalha?! Era um canivetesinho para aparar lapis.

— Qual é o seu officio?!

— Não tenho officio... Sou um desgraçado...

— Então para que queria o lapis?!

E elle, d'olhos baixos, tristonho, justifica-se:

— Era para assentar a ponta das facadas que tenho dado, por causa d'uma relação

E é com um dito assim que elles ás vezes se salvam, amparando-se na outra muleta nacional: a pilheria!

As vezes fazem-se rugas e prova-se que todos aquelles cavalheiros usam navalhas por causa dos seus misteres; uns são frequentadores de bairros de má fama e vão para casa tarde, toem receio de ruins encontros e, d'ahi, a navalha; outros são in-



O PATRO DO GIL NA RUA DE S. BENTO

N'um predio hoje derruido d'esto pateo viveu a familia de Herculano e ali nasceu o grande historiad



ALEXANDRE HERCULANO



JOÃO MARIA GALHARDO
 Collecionador das obras de Herculano
 e um das suas beateiras e testamentários



EDUARDO AUGUSTO P. GALHARDO
 VENCEDOR DE OCELLOS
 Sobrinho d'Alexandre Herculano



D. MARIA D'ASSUMPTÃO A. GALHARDO
 irmã d'Alexandre Herculano



A BIBLIOTECA D'AJUDA DE QUE HERCULANO FOI BIBLIOTECARIO
 QUANDO INSTALLADA NO PREDIO CONTIGUO AO PALACIO
 (Sobre a mesa está o Manuscrito de Frei Luiz de Sousa, autographo sobre o qual Alexandre
 Herculano reconstruiu os Annuaes de D. João III)



ALEXANDRE HERCULANO COM O LIBERAL
 VICENTE FERREZ, SEU INTIMO AMIGO



GENERAL JOAQUIM M. M. GALHARDO
 Sobrinho d'Alexandre Herculano



D. CARLOTA D'ARAÚJO GALHARDO
 Sobrinha d'Alexandre Herculano



JOAQUIM RODRIGUES GALHARDO
 Condeado e companheiro d'exilio de Herculano



OS BANDARILHEIROS

JOÃO SALEM—D. JOSÉ VASCONCELLOS E SOUZA—E. PERESTELLO—J. BELLO—D. NUNO POMBAI—D. RUY DE CAMARA



OS MOÇOS DE FORGADO

D. PEDRO DE MELLO E CASTRO—E. CORREIA HENRIQUES—JOÃO PERESTELLO—GUILHERME BLECK—D. LEI DE SOUZA MACEDO (MESQUITEIRA)—D. JOSÉ DE CASTELLO NOVO



AS CORTEZIAS



UM DOS CAVALHEIROS
SR. JOSE BLECK



A PRESIDENCIA DE HONRA NA CORRIDA

SR.^{as} D. MARIA DE BELLO CASTRO—D. ANTONIETA BOMALAS DE LON 289—D. R. LAYNA D'ALMEIDA
—D. MARIA ON LENCASRE E VASCO—D. HELENA M. SANTOS—
D. MARIA DE VASCONCELLOS E SOUZA (CHUTEIRO)—D. MARIA MARIA DE CASTRO FERREIRA

A CORRIDA DE VACAS EM CINTRA

Toda d'encanto e brilho foi esta festa, devida à iniciativa d'um grupo de senhoras e cavalheiros da nossa primeira sociedade e que se encontram versando em Cintra. Rapazes do mundo elegante, alguns bem distintos cavaleiros, tomaram parte na corrida que foi cheia d'incidentes alegres, havendo no entanto ocasião de muitos dos lidadores demonstrarem a sua pericia. Entre estes conta-se o sr. Eduardo Perestello de Vasconcellos, que, bandarilhando uma das vacas, meteu soberbos pares de ferros. Os cavaleiros ars. Bleck e Castro Pereira tiveram também grandes orações, assim como alguns dos forçados.

A família real assistiu à corrida, e sob o camarão real estavam as ex.^{as} sr.^{as} D. Assunção Moraes, D. Helena Maupeiria Santos, D. Maria d'Assumpção de Mello, D. Maria Isabel Pe-



OS MOÇOS DE CURRO

BERNARDO DA CUNHA—EDUARDO PETER ALVES—D. VASCO DA CAMARA
(SILVESTRE)—CARLOS RELESE—D. CARLOS DA CAMARA

reira, D. Maria Luíza d'Almeida, D. Maria de Lencastre, D. Maria Leão d'Almeida, D. Maria de Vasconcellos e Souza. Estas damas vestiam gostosamente à espanhola e ofereceram a todos os amadores que tomaram parte na corrida umas lindísimas moças. A festa foi, pois, alegre e bem distinta, a tarde magnificente e cheia de sol, e encantador o aspecto da praça à qual compareceu tanto quanto em Cintra há d'elegante e de ilustre, e animar os brônics rapazes que d'uma maneira brilhantíssima cultivam essa diverso gozadamente nacional. A banda de caçadores 5 executor o novo *pass-doble O Tourneiro*, original do seu regente sr. Braz e dedicado à comissão promotora.



NO PALACIO DE MONSERRATE

GRUPO DE SENHORAS N'UMA DAS VARANDAS DO PALACIO, NA TARDE DA «GARDEN-PARTY» OFFERECIDA PELOS SENHORES VISCONDES DE MONSERRATE AOS MEMBROS DA ALTA SOCIEDADE QUE SE ENCONTRAM VERANEANDO EM CENTRA

O SOLITARIO DE VALLE DE LOBOS

A propósito do XXVII aniversário da morte de Alexandre Herculano

Herculano foi a flor gloriosa e toda de rize d'um tronco plebeu de fortes que tinha carinado de gente da glória, d'artífices e d'escravos. E esse filho d'oprimidos entrou na vida como um pára, lembrando-se de xiv, que ao serviço do Estado perdura a luz dos séculos e o pé da bécca, o pobre mestre das obras de real peca d'Aljuda, onde o neto devia falar não a mãe com os reis, já coronado César d'uma litteratura.

Conseguiu a trabalhar logo que teve entredimento, como a pé negro da miséria e se supas amargas do exílio, veio a um momento em que se buscava reconstituir a nacionalidade e a sua alma generosa de trabalhador recebeu logo a ídola grandiosa d'essa resurreição d'uma pátria caída no despotismo. Iniciado na vida pelas dores, foi elle o unico escriptor portuguez que soube comprehender as amarguras da povo, que o defendeu e o cantou em todas as paginas da sua obra magistral com esse arde d'um crente dentro d'um mundo que se a

tempo que amarejava a pluma, lhe dava molles e loquacitas para cumprir os frades expulsoes dos seus conventos, os pobres vellos que tinham orado a Deus durante toda a vida e que eram obrigados a partir com saudades dos hirtos onde floriam as ruinas e das alturas onde bellavam os reliquias. Cheo de fé, quando manco-lo, ardeou o seu mundo, ali por 1831, quando os cavalleros faziam a justiça do seu rei Miguel, o escriptor entrou em conspirações e teve que se exillar a bordo do fragata *Melpomene*, que levou para longe da pátria onde foi derramar lagrimas

e escrever as *Prélezes do Destino*, sobre um rochedo, em Jersey, como mais tarde lá esteve a demolir um imperio de devassidões o Senhor Hugo, Deus d'uma litteratura.

Herculano teve como compãheiro, e n'esse tempo seu futuro enxada, liberal casado e intransigente, Joaquim Rodrigues Galhardo, em cujo começo fundou o amigo vertes as suas amarguras e depositou depois as

o elle, quando ovio trour o canhão nos linnhas e o rebote dos sinos, depanha a pomba, tomava a espingarda, chogava-se ás trincheiras e batia-se como um lobo, sentindo a reveser-lhe esse sangue de plebeu que vingava os avos, clamando pela liberdade, que lá depois cunhar na sua lyra, quando se recolhiam os feridos e os sinos badalavam a fúndes. Homem honesto, recto, alma limpida, caracter seguro, jamais tin dos seus arcos desmesado a sua obra, com o qual e coherente. Aquella prosa muscula, d'ago, de brilho e de força e o seu espirito, aquelles personagens soffredores, heroicos e bons são como o sentir de sua alma e essa honradez que elle basca sempre sepulhar sobre as figuras vem de si, de seu intimo, das suas crendas. Em 1833, quando quitaram marçar violentamente a Carta Constitucional, Herculano, que era 2.º bibliothecario nos archivos de Porto, deu a sua demissão e dispôse a morrer de fome, já que as linnhas o tinham possepo quando defuncto sua liberdade agora calce-da.

Ni em 1830 accoita alguma coisa d'um solitario, quando se recolhiam as libertades e o cargo de seu bibliothecario. Sonou então aquelle vibrati espirito, aquelle impetramento todo de nervos, alanca entre as chronicas do archivo, bibliotecas, apprende n'ellas esse portuguez de lei, que modesto, desobedi, afennoso, heuno e maluco para conjugar os seus voluntades, que são sedções de bronze orados por uma alma forte.



VISTA DO ADRO DA IGREJA DE ADEIA DE BAIÃO



TUMULO JUNTO A IGREJA D'ADEIA ONDE ESTREU O CORPO DE HERCULANO ATÉ TER PARA O PANTHEON.



CASA DA QUINTA DE VALLE DE LOBOS ONDE RESIDIU ALEXANDRE HERCULANO

arranjar-se, apesar de todas as palavras, de todas as discussões, de todas as proclamações com que o constitucionalismo buscava larphe-se.

Herculano foi o temperamento romantico d'um cavalleiro medieval no casulo modesto, sombrio e lomboso d'um monge culto.

E assim, armado d'ago, rutido a sua insuperavel prosa, áncas o ultramontanhismo em todos os campos, assim como um archafo vingador busca abater a ao mesmo

seus esperanças quando do Belle Isle partiu para a Terceira e incorporou-se no exercito de D. Pedro, que devia desembarcar nas praias de Mindello a trazer o que então todos acreditavam ser a liberdade.

Entre essas 7200 hermas, chistos d'ardor e crendas, vi-aha o escriptor, que deturba o seu nome e passou a ser um numero — o 35 da B. dos voluntarios da rellha.

Entregaram-lhe os archivos de episcopo no Porto

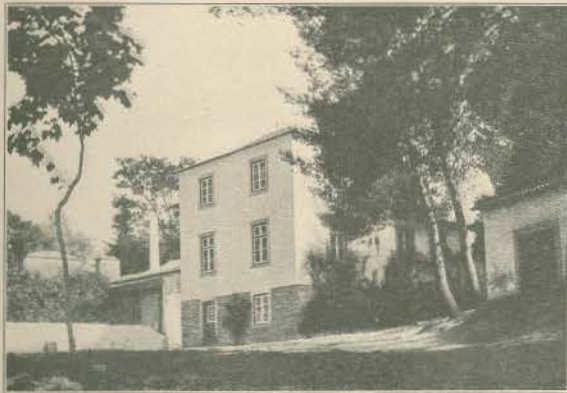
dos publicos e que D. Fernando — ni archiva — lhe offereceu o cargo de seu bibliothecario. Sonou então aquelle vibrati espirito, aquelle impetramento todo de nervos, alanca entre as chronicas do archivo, bibliotecas, apprende n'ellas esse portuguez de lei, que modesto, desobedi, afennoso, heuno e maluco para conjugar os seus voluntades, que são sedções de bronze orados por uma alma forte.



ENTRADA DA QUINTA DE VALLE DE LOBOS DO LADO DA ADEIA DE BAIÃO



LARGO DESTINADO AO MONUMENTO A HERCULANO NA ADEIA DE BAIÃO



CASA DE ALEXANDRE HERCULANO LADO SUL



A RIBEIRA DA AZOIA

Vem, então as páginas do *Monge de Cister*, folhas de supremação e d'encanto, que tem em si uma alamafeja de moço a colirir o peito despojado d'um cavalleiro, que são um brado e uma evocação, uma tortura com ressonancias altivas d'epopéa; vem o *Eurico* que parece tallado em mármore linceável por um esultuario de genio, o *Eurico* no topo das serranias com o branco habito fluctuando e da voz doce a prantearem, entre as encarpas e junto de Hermengarda, a lamentar essa religião que traz o colibato eclesiastico e abafa o amor, tornando-o culpado e que faz do padre um reprobato, um maldito a quem se nega a familia gorada do seu amor. Succedem-se sempre passagens em prosa em que o *Bobo* de guisalhado canal e alvo de escarnos e senhor de dóres maiores que as do trunfo Triboulet, de Hugo, figura de terror e de desesperança; apparecem os pedaços d'ouro das *Lendas e Narrativas*, a epopéa dada n'um alarde, escreve esses tres volumes recheados d'erudição da Historia de Portugal e que fazem o seu nome soar pelo mundo tão aureolado como os Ranko, de Thierry e de Maucoutlay, os principes da Historia.

Collabora em jornais, trabalha no *Portugaliae Monumenta Historica*, vai rebucosar as origens da Inquisição n'um brado, como n'um protesto contra essa sociedade constitucional que ajudara a fundar e da qual já deserta.

A sua alma sã de plebeo heroe e poeta abrigara o sonho da felicidade humana, lutara por ella, dor-lhe talento e sangue e no fim via o seu sonho despojado pela politica de intriga, pelos marcehas venas e pelos banqueiros que entardelavam o ouro das congregações, pelas mulheres que chegavam com os seus sorrisos a trabalhar commendas, pelos ministros que na Academia formavam um convento mais ruinoso que todos os supprimidos, pela ganancia, pela espoliação, pelo logro, pelas Camaras que viviam de subterfugios e esmagavam essa Carta pela qual correram rios de sangue.

A Regeneração condemnava os lazaes enriquecidos, esmagava as liberdades, a sociedade refundiase n'um entrocamento de burguezes que se exercitavam em fidalgoes, e a mosca varejeira da ambição babujava e envenenava tudo quanto havia de grande e de bello.

Os litteratos do tempo rapuxaram as gravatas e iam aos saraus recitar poesias alambicadas, apressihavam-se, dandyavam-se, punham postieiros, e nas Laranjeiras faziam a sua corte; e elle, que jámais se viscondesou, que jámais deixou o seu nome de plebeo, recordou:

— O meu avô era pedreiro!

E' com a sua força, com o seu nojo, com a sua honestidade, lembrando os avós servos, como se tivessem sido cavalleiros de pendão e caldeira, sentindo a perfidia da sociedade, enfastiado de todos os crimes e de todos os delictos, concluiu a dizer:

— E quando os arbustos plantados em terra peçonhenta, tando bebido uma seiva venenosa, produzem seus fructos de morte, o mundo, ao mesmo tempo malvado e hyperita, abomina a sua obra e ajudando-se á rede

Herculano como um propheta e como um observador lançava o anathema á sociedade e sentia a necessidade do isolamento, do secego entre as arvores verdes junto da fonte sem ambições, lendo no livro da natureza a historia da pureza, que não foi nem será, modificada para certas almas pela sociedade que elle despezava ao vela gananciosa, torpe, a empenhar-se n'um egoismo que não tinha lugar no seu coração. Abominou então o mundo, a corte, e os politicos.

E pensando assim, o Mestre recolheu-se ao seu retiro de Valle de Lobos, enquanto outros ficavam a pompear na cidade, vestiu-se de briche como os seus caseiros e quando os reis e imperadores lhe bateram ao ferro da quinta deu-lhes uma hospitalidade tão amiga como a que dava aos seus vaqueiros e aos seus gaubões.

Alli, n'esse retiro da Azóia, o velho Mestre, vendo fracassar a liberdade de que fora soldado e vulto, preparou-se santamente para morrer entre a adoração dos rudes, dos simples, d'aquelles que lhe lembravam os avós escravos, também rudes e também simples.

E alli ficou olhando aquelle viver e á sombra do céu todo de luz, longe do ruido e das ambições como um grande portuguez detestando os que levavam Portugal por caminho errado.

Agora esse povo de rudes vai levantar-lhe uma estalva, vai pôr na praça minúscula a sua figura sombria enervosa que o sol ha de aureolar e que os campones hão de

saudar ao passarem, descobrindo-se como diante dos santos de que ouviram contar as acções, as obras, o passado de legenda e a vida de sacrificios.

E a alma do Mestre, que foi o patriarcha d'uma litteratura, ha de agradecer de logar onde os genios vivem eternamente aquelles de que foi também patriarcha, ao deixar o mundo pelo retiro da quinta isolada, ao deixar as pompas pelo bricho que usavam os seus nítimos amigos; os simples, aquelles que não sabem ser hypocritas.



ESCOLA ALEXANDRE HERCULANO NA AZOIA DE BAIXO

dos supplicados, que elle proprio lá conduzia, sanda uma cousa a que poz o nome de justiça e que não é mais que uma desculpa embusteira, não do criminoso, mas d'esse vulto hediondo e infame que se chama sociedade.

Começou a vir a sociedade o monstro, tirando n'essa epocha a corcúscos que só annos depois chegariam de Franca com um ruido enorme e com todas as honras d'uma idea nova da qual fizeram um partido politico.



HABITAÇÃO DO BEMHADEIRO GOREÃO ONDE VIVEU POR ALGUM TEMPO ALEXANDRE HERCULANO



ENTRADA DA POVOAÇÃO D'AZOIA DE BAIXO



UMA DAS PHASES DA BATALHA DE LIAO YANG

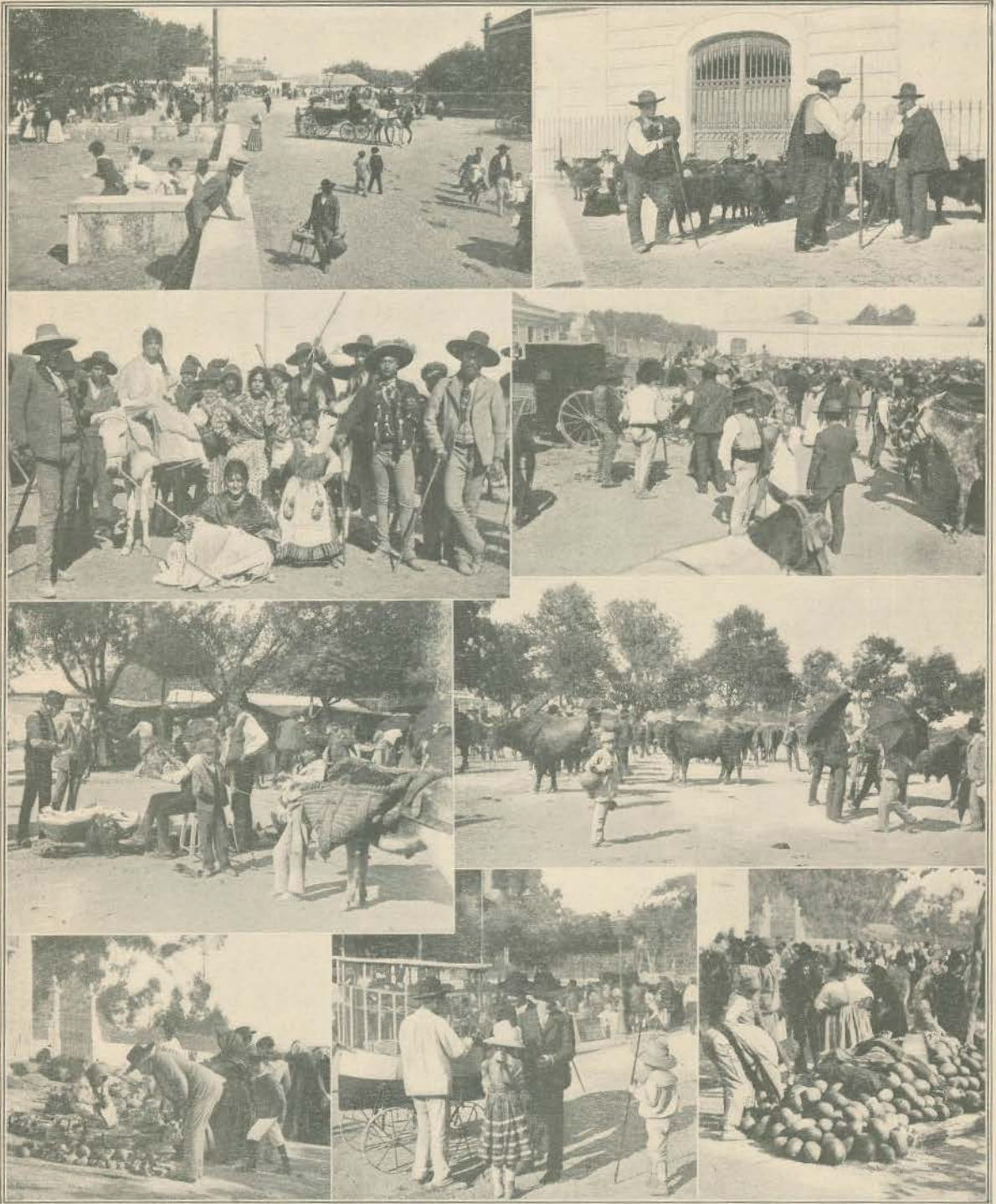
Telegrama official para os representantes do Japão na Europa.

O PRIMEIRO CORPO D'EXERCITO DA SIBERIA, COMPOSTO DE 25.000 HOMENS, SOB O COMANDO DO GENERAL STACKELBERG, QUE HAVIA RETIRADO PARA CEARA CHEFE DE LIAO YANG, FUI COMPLETAMENTE DERROTADO PELO EXERCITO DO GENERAL AURUMI, QUE CONSEGUIU CONTORNAR-LHE AS POSICOES, NO COMBATE MORTAL QUASI TODOS OS CORPOS DE INFANTEE

A batalha de Liao Yang, em que Kuroki se assinalou como um grande cabo de guerra, vai dar um aspecto de ha muito esperado a lucta russo japonesa. As tropas de Kuropatkin obrigadas a retirar para Mukden devem ali expor uma batalha formal, que sera talvez a ultima d'esta terrivel guerra que esta assolando o mundo.

Derrotados por todos os lados, no mar e em terra, mal podendo defender Porto Arthur d'um apertadissimo cerco, so ha a esperar que os russos se rendam, ficando com a licta sovora indigita assim sem ser esperada. Os amarellas, desfigurados e em grande numero, d'uma bravura a toda a prova, e tendo succedido dignos adversarios, maiores

prodigios fizeram ainda, conseguindo impôr na Europa a sua açao, que d'ora avante vai ser considerado como uma das formidaveis potencias do mundo, e que, a siacrar a sua influencia na China, sera diversa para reocer.



A FEIRA DA LUZ

UM ASPECTO DA FEIRA — CABRAS PARA A VENDA — CIGANOS: A FAMILIA MAIA — OUTRO ASPECTO DA FEIRA — DEANTE DAS BARRACAS — O GADO BOVINO — LOGAR DA LOUÇA — O HOMEM DO AMENDOIM — VENDEDORES DE MELÕES

É uma das mais importantes feiras arrabaldanas, na qual se fazem grandes transações, concorrendo ali gente de todas as localidades vizinhas e mesmo da capital. A Luz fica na freguesia de Carandá e teve um velho convento sob a invocação de Senhora da Luz. Data do século XVI e foi fundado por um tal Pêro Martins, no anno de 1462. Andara nas nauas, o homem, e fora feito prisioneiro; um dia conseguiu evadir-se e veio residir para Carandá, onde lhe appareceo junto d'uma fonte uma linda imagem envolta n'um círculo luminoso. Reconheceo aliucadamente uma visão

que livrou no carcere e edificou uma ermida, junto á fonte dedicada á milagrosa Senhora. Em 1543 D. João III, o catholico rei, mandou aos freires habitar na Luz depois de erigir o convento, ajudado por sua irmã a infanta D. Maria, que pagou os trabalhos da capella, e onde jaz n'um monumento de marmore. As romarias começaram a fazer-se, installaram-se as tendas, veio a idea do mercado, e por fim a feira que se realisa agora e á qual vai o povo da capital n'uma ansia de prazeres e diversões.



OS BARCOS DEPOIS DO «WATER-POLO»



NA PRAIA DE PAÇO D'ARCOS



O SR. TAYLOR, CAPTAIN D'UM TEAM DO «WATER-POLO»



AS CORRIDAS DE BARRICAS



TYPON NO ABRAJAL



A PROCESSÃO



OUTRO ASPECTO DA PROCESSÃO

AS FESTAS AO SENHOR JESUS DOS NAVEGANTES EM PAÇO D'ARCOS, NO DOMINGO 11 DE SETEMBRO

Paço d'Arcos é uma terra de marinheiros que tem o culto do Senhor Jesus dos Navegantes e que elles festejam sempre com grande pompa. Este anno a festa foi deslumbrante e cheia d'atrações, realçando-se, além da procissão lúida, do bello arraial e da *barrajes*, um interessante numero de *water-polo* no qual deviam tomar parte dois *teams* capitaneados por Awata e Philippe Taylor, e em de se disputarem os premios nas corridas de *barricas* e na luta sobre um mastro enchebado. Falta-lham, porém, alguns campos, e o *match* não foi levado a effecto. No amanha a *equipe* de sr.

Taylor ainda montou os cavallos *barricas*, o que deu lugar a divertidos episodios, portando os todos os *espectadores* admiravelmente.

Na praia sahira muita gente, os barcos embalsamados percorriam o rio, coravam rixadas, ao sul alegre se fazes resplandeciam e os *barricas* saavam por suas magnificas barlas luminosas.

Realisaram-se depois as festas religiosas, e o arraial e a *barrajes* duraram tres dias em que Paço d'Arcos recebeu grande numero de forasteiros.



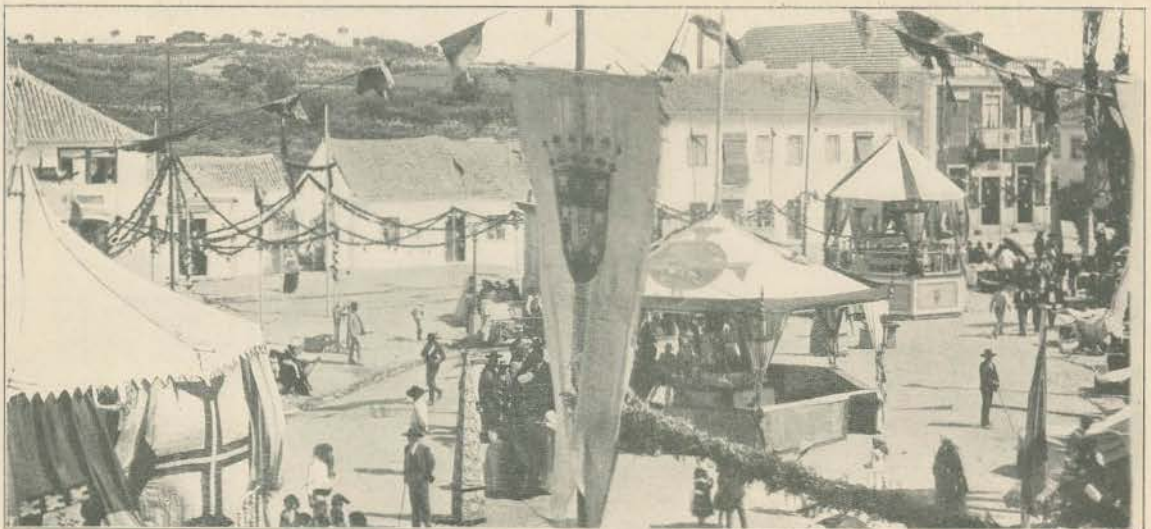
UM TRENCHO DO ARRAIAL



OS CABOS DE SEGURANÇA



UMA ROLETA



ASPECTO GERAL DO ARRAIAL



QUEIRAJADEIRAS



ASPECTO DA FEIRA

A FEIRA E FESTAS NA MOITA

É muito antiga a feira na villa da Moita, começando no dia 10 de setembro e durando 3 dias. Fazem-se grandes festas por esta occasião ao orago da freguezia, a Senhora da Boa Viagem. A Moita é villa desde 1860, em que D. Pedro II lhe concedeu alvará dando a ao sando d'Alvor. Este anno as festas foram cihias de decimbramento, havendo, além de procissões e arraial, uma marçilha turrada. Gente das immediaciones, tanto pelo negocio como pela diversão, foi all, havendo uma enorme animação apesar do tempo estar pouco seguro. No domingo havia, como de costume, um frente do case, muitos botos embandeirados, nos quaes os maritimos aguardavam a passagem da procissão.

Entre outros d'incenso e alar de povo, com o pullo rico e a irmandade em festa, a bella imagem appareceu, e, como é d'uso, veio até ás escadas de casa, ficando voltada para os botes, como a abençoal os. Então, ao mesmo tempo, rompiu de tolas as embarcações uma porção enorme de foguetes que se cravavam no ar formando como uma aboboda que entralhejava e gozava um pouco entusiasmado entre aquella gente do mar, que á porfia buscava lançar maior quantidade de fogo. E' tambem habito realizarem-se n'esses dias grande numero de casamentos e baptizados, o que succedeu do mesmo modo este anno, havendo 5 consorcios e 15 baptizados, entre elles o d'uma rapariga de 16 annos.



O RETRATO DE HERCULANO OFFERECIDO À CAMARA MUNICIPAL DE SANTARÉM E PINTADO POR SEU SEGUNDO SOBRINHO O FALLECIDO PINTOR JOÃO GALHARDO



HERCULANO EM VALLE DE LOBOS

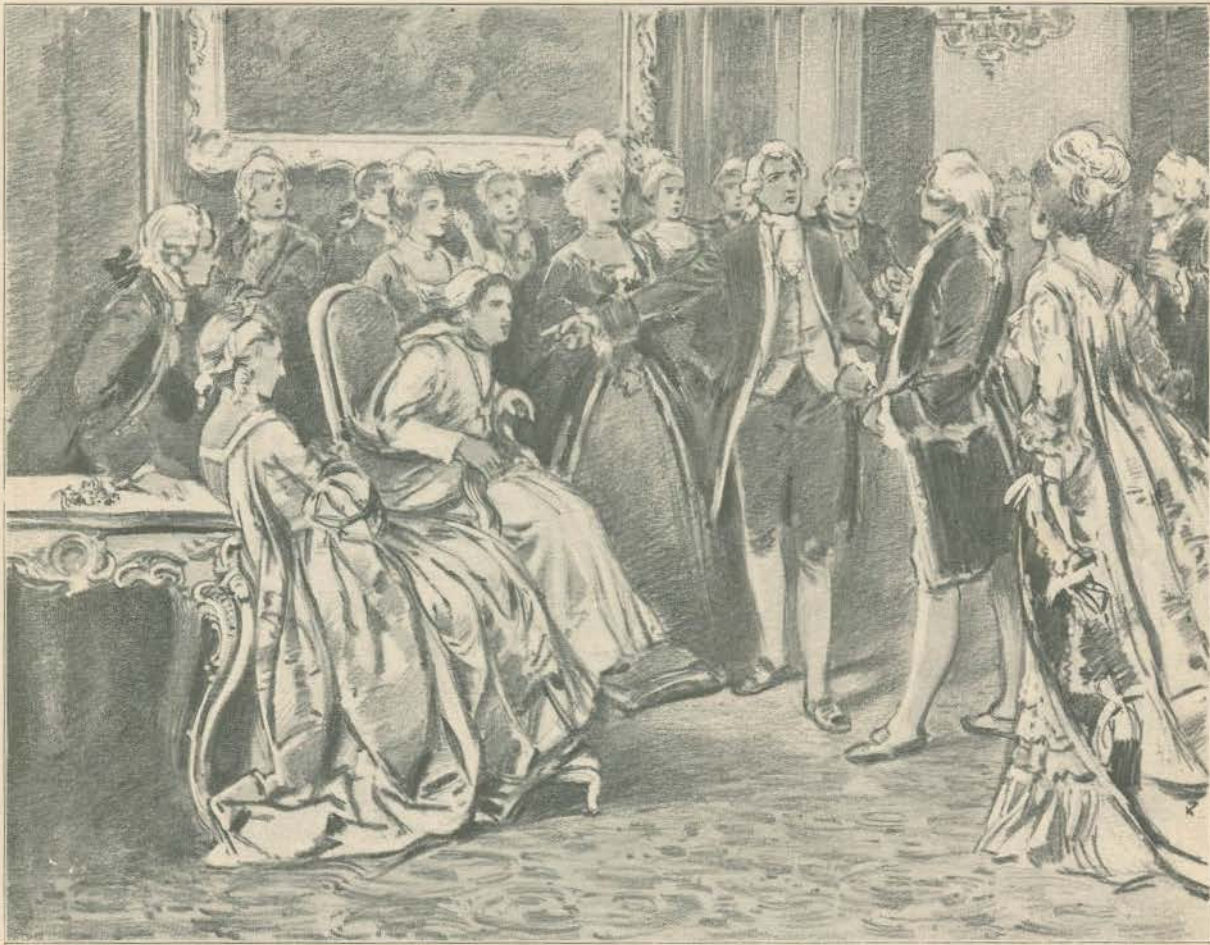
A tempestade

Quasi todas as embarcações da armada tinham velejado por sua derrota, de-
mandando os Açores. Aporelamentos indispensáveis retiveram a ^{Junco} *Junco* por mais
alguns dias no sertão de Belle-Ile; mas negociado em fim o navio de tudo
quanto lhe cumpria, desafferrámos da bahia por uma tarde serena. Estava o
mar em calma e algumas nuvens toldavam parte do céu occidental. # Pon-
diam proucas as velas soando nos mastros com rugido carido e longo, e
a nau arfava brandamente sobre as ondas somnoletas. Como um globo
de ferro em brasa o sol crescia trêmulo no occaso e seus últimos raios batiam
na amurada, e a tingiam de fulgor avermelhado, prolongando-se de espa-
ço em espaço sobre a tolda através das camboneiras. Espido o ar annunciava
nos a procella e os castellos de nuvens so esperavam, porventura, para a
soltar o grito do Anjo dos mares. Formoso mais que nenhum é o espec-
táculo de sobre a noite no oceano por vesperas de tempestade. # Parece
que a natureza quizesse ostentar todos os seus thesours de melancolia
e de voluptuosa saudade, neste quadro magnifico do caixar das tre-
vas. # E poucos dias depois, no meio de temporal despeito, amada a ima-
gem desta hora me estava viva na imaginação, e ainda saudei o oce-
ano, então irado, como o que ama Deus, lembrado dos beneficios passados,
e adora quando, no dia da cólera, o Senhor o afasta de sob as alas
da sua providencia paterna.

TRECHO D'UM AUTOGRAPHO D'ALEXANDRE HERCULANO

Sahiu Herculano de Belle-Ile em 2 de março de 1832, com grande numero de emigrados no-
tuvels, a bordo da corveta *Junco* e em direção à Ilha Terceira. A corveta foi mais tarde chris-
mada com o nome de *Princesa Amelia*.
Com esse titulo a nau se dirigiu a artilharia miguelista, nas aguas do Porto. Foi durante a
viagem ao *Junco* que se deu a tempestade inspiradora d'este artigo que pertencia a um caderno.

Recordações da mocidade, onde foi encontrado entre outros fragmentos inéditos. Sobre o mesmo
assumpto, mas de baixo d'um ponto de vista geral, escreveu elle a poesia philosophica que, com
igual epigrapho (*Tempestade*), se encontra no volume *Poesias*.
Herculano, quando escreveu o artigo, ainda não tinha 22 annos.



A VERGONHA D'AQUELLAS ROSAS MERECE QUE UM HOMEM DE HONRA SE DITA POR ELLAS!

O GRANDE CAGLIOSTRO

NOVELLA HISTORICA ORIGINAL DE CARLOS MALHEIRO DIAS

Todo o grupo se inclinou profundamente à vista do arcebispo. Cada uma por sua vez, as fidalgas vergaram as cabeças empoadas e caminharam até aos joelhos do confessor, com as mãos em aza nas anquilinas.

Cagliostro, ao lado do duque de Lafões e de Anselmo Sobral, dominava o espanto, produzido por aquelle espectáculo unico na Europa, em que uma nobreza antiga, superbiçada de orgulho e arrogancia, se rojava, no seculo de Voltaire, aos pés de um frade, n'uma submissão que assemblaria Richelieu e Mazarino!

Que maravilhosos e malleáveis instrumentos seriam nas suas mãos diabolicas aquellas doces mulheres, que punham tanto domiro e tanta graça n'essa cerimonia fanatica de escravas! Os seus olhos sorriam de anticipado jubilo ao reconhecer o valor inestimavel de antecipado jubilo ao reconhecer o valor inestimavel de antecipado jubilo as suas antigas sacerdotizas da loja de Isis, d'essas condessas do Briouve, de Polignac, de Brassac, de Choiseul, de Genlis, creadas no Trianon, educadas na Encyclopedia, que beijavam em Paris a fimbria da sua tunica de grão-mestre e lhe escreviam para o carcere da Bastilha!

Agora, elle comprehendia as revolta d'esses principe, encarcerado n'aquella corte devota, a quem tinham dado uma tia por esposa, de quem a igreja se recava como de um inimigo, que a nobreza temia como um despota, que Pombal educara para o throno, como um filho predilecto, para lhe continuar a politica reformadora. Quando desaparecesse da vida aquella rainha fanatisada e doente, acabaria o reinado dos bobos, das validas pretas, dos frades confessores, dos intendentes tyranos e dos ministros devotos.

Vendo ajoelhar, igualmente submissos, em frente ás sandalias do frade, depois das mulheres os fidalgos e os sabios, Cagliostro reconhecia que n'essa corte, onde era idolo um frade, podia bem caber, sem escandallo, um nigromante.

Quando tivesse pelo seu lado o herdeiro do throno, a inquisição e a nobreza, seria facil luctar com a policia e empenhar com o Intendente uma batalha de exterminio. Mas essa conquista poderia consumir longos mezes e á salida d'aquelle palacio esperava-o uma escolta armada, para o levar á prisão como um aventureiro.

Debalde, a sua imaginação, tão facil em ardis, procurava um recurso salvador, que o subtrahisse aquella armadilha temerosa, para onde os seus passos o iam fatalmente precipitar.

E já de novo o arcebispo o chamava, terminadas as genuflexões da obediência, quando as vozes dos laicos das lochas gritaram na escuraria:

— Sua excellencia, o senhor *lord* Beckford!

Cagliostro estremeceu. Era mais um inimigo que se avizinhava. A sua audacia enfraquecia diante d'esse espectador inesperado.

— Conhece o *lord*, contô? — perguntou Thessalonica. Cagliostro fochou as mãos, que uma tremura nervosa sacudia, e respondeu com soberbo impudor:

Muitas vezes nos fomos encontrados nas cortes da Europa, granleza. Um dia o vi da perto em Varsovia, na ante-camara de Sua Magestade Estauslau-Augusto.

Com um ramallete de pequenos botões de rosas brancas na mão, apparecera á porta da primeira sala um homem alto e magro, vestido com uma simplicidade elegante, de botas e punhos de rendas, o cabello escrupulosamente empoado, a casaca de setim preto e um espadim de guarda de ouro.

Cagliostro examinou attentamente esse inimigo, procurando o ponto vulneravel onde attingil-o. A sua memoria passava em revista os inumeraveis adeptos das lojas maconicas inglesas.

Favorecido pela entrada sensacional do *lord* Beckford, recuara de vagar e cautelosamente para o vho de uma janella e o seu olhar inquieto de perseguido encontrou

desde logo o vulto do Intendente na escuridão da noite. Sentia-se cercado, conduzido a uma arena, onde lhe era necessario obrar prodigios ou morrer. Por um momento, desampanou a energia e a esperanca. Mas a imagem d'aquelle principe de vinte e seis annos, enlevo do povo e terror da nobreza, que o esperava em Queluz, phrenetico de governar, perdido entre as suas visões e as suas revoltas, vomitou-se.

Heroicamente, a victima examinou os seus algozes, o frade omnipotente e rude, que a devoção da Rainha collocara no primeiro degrau do throno; o decrepito marquez de Marialva, patriarcha sensual, que um olixir de amor conquistaria; aquellas mulheres de uma leviandade de creanças, tão facies de assombrar; aquelles fidalgos arrogantes e pueris, que Pombal reduzia de depressa a fanulos timoratos e submissos.

O observador terrivel, cujo olhar se introduzia nas almas, viu o amor no coração de D. Henriqueta de Meszes, cujo seio já se offerencia ao ramallete de botões de rosas de *lord* Beckford, e viu a pallidez, transparecendo sob o carmin, no rosto do velho duque de Lafões.

Aproximando-se do vencedor intrepido de Maxen, mais pallido em frente á commoção da Marialva do que vinte annos antes em frente á artilharia dos alliegos, Cagliostro veio murmurar-lhe ao ouvido, em italiano:

— Desde quando usam os *lords* ramalletes de rosas brancas, duque?

Mordendo o labio pintado e dando a sua meia volta predilecta sobre os altos tacões vermelhos, já banidos da etiqueta de França, Lafões fez um esforço prodigioso para sorrir.

— Desde que estão apaixonados, conde. . .

Mas ainda o velho duque não acabara a tardia resposta, quando os lindos botões de rosa começaram, re-

pentinamente, a desabrochar, como se um sol de verão as estivesse abrindo nas vestras. Cagliostro estava imóvel, com as mãos cruzadas no peito, a fronte contrahida, os olhos ardentes pousados no ramalhete de lord Beckford.

No silêncio de assombro, que se fizera, apenas se ouvia a respiração mais offegante do arcebispo, o estalido das velas, consumindo-se nos lustres de Veneza, e o rumor da comitiva de Thessalonica, atrás dos reposteiros da sala de entrada. Os condes de Lumiares e do Obidos, o visconde de Ponte de Lima, o novo marquez de Pombal, os duques de Lafões e Cadaval, o velho marquez de Marialva, as condessas de Pombeiro, Lumiares, Assumar e Caparica, D. Luiz de Miranda, D. Francisco de Lima, o marquez do Lavradio e a mulher de Anselmo Sobral estavam do pé, em redor do arcebispo. O medico Picanço examinava o milagre com a sua lusted de sceptico, sorrindo do pasmo que a sua lada immobilisava o sabio Theodoro de Almeida.

O olhar ardente proseguia na obra de destruição. Agora, as petalas caíam, uma a uma, com um rumor de beijos, sobre as fiavelas de diamantes dos sapatos de lord Beckford, que tranquillamente olhou o seu ramalhete quasi desfeito e o pousou, com um gesto indolente, no marmore azul de um tremó.

Sob a scintillação dos lustres, avançava n'esse instante, com apparatusa lentidão, o Intendente da policia.

Lord Beckford fizera uma venia ao Arcebispo, empurrimento o marquez de Marialva, o duque de Lafões, inclinou-se diante das damas, affogeadas e attonitas, e voltando-se para o feiticeiro, disse com altiva serenidade:

— A vergonha d'aquellas rosas mereço que um homem da honra se bata por ellas!

Nos olhos de Cagliostro brilhava uma acceita de ameaça. Mas depressa o seu rosto se compoz n'uma expressão risolia.

— Ambos juramos a lord Derwentwater que não nos bateriamos, nem mesmo por um ramo de rosas, *mylord!*

Houve uma breve contração muscular na face de lord Beckford, que apertou nas mãos nervosas os seus punhos de rendas francezas.

— Já conhecia o conde de Stephanis, *lord?* — perguntou Thessalonica, recobrado do espanto.

— Não me esquecerei mais d'elle, excellentissimo! — respondeu lord Beckford com uma dignidade fria.

— Senhor feiticeiro, que faz desabrochar as rosas, não ha na sua sciencia recursos para rejuvenescer os homens? — inquiriu, com um sorriso malicioso de satyro, o marquez de Marialva, apoiado no seu bastão de patriarcha.

De cabeça alta e a mão fúlhante na espada, Cagliostro voltou-se.

— Eu sou apenas medico de causas desesperadas, senhor marquez! A velhice é uma graça de Deus. Quanta seria a grandeza do homem contemporaneo que tivesse assistido ás guerras de Samirania, ao assassinio de Cesar, ao supplicio de Jesus, ao rapto das Sabinas e ás bodas de Canaan!

— Parece-me que vossa senhoria, pouco antes da entrada do senhor lord Beckford, se vantolava de haver descoberto a famosa *panacea* universal... — disse o medico Picanço, com um doadinho sorriso.

Cagliostro olhou-o demoradamente, como um gigante que examina um pygmeu.

— Pode saber-se no que as minhas palavras de agora contrariam as minhas palavras de ha pouco?

— Se vossa senhoria cura as molestias, é de esperar que nos cure da velhice, que é a peor molestia do homem.

— E' por entonle-o assim, que os medicos de Coimbra impedem muita gente do alcançaba! — Eu não emendo o tempo, Penso que a nossa velhice, comparada com a dos prophetas, é uma mocidade. Mas vossa senhoria, que é medico de Sua Magestade, devia estar a estas horas nas Caldas da Rainha. Sua Magestade está doente!

Thessalonica ergueu-se precipitadamente da cadeira.

— Sua Magestade está doente?

Cagliostro tirou o relógio; disse com uma serenidade imperturbavel:

— Ha quatro horas que Sua Magestade teve um deliquio e todos os que a cercam recemim pela sua vida! Picanço continuava a sorrir dezenhousamente.

Pallido, olhando na mão tremula o habito branco, o arcebispo voltou-se para Sobral.

— Consolheiro, mande chegar a minha segre!

Mas a duvida succedou repentinamente a esse paucio.

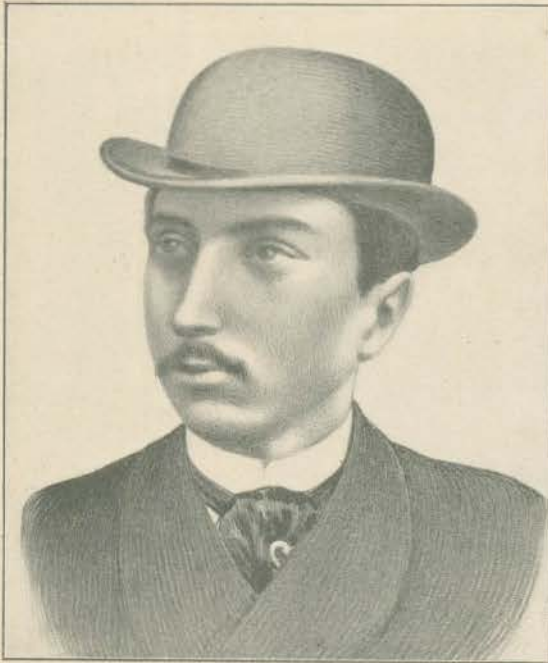


QUERO ENCONTRAR-O AMANHÃ

Thessalonica voltou a sentar-se na poltrona de damasco amarello.
— Como me garante o conde a doença de Sua Magestade?
Cagliostro sacudia orgulhosamente a cabeça empada.
— Com a minha palavra, grandeza!
— Conde, ou vou partir para as Caldas! — gritou Thessalonica como uma ameaça.
— Grandes beneficios resultarão para Sua Magestade da assistencia de vossa grandeza! — disse Cagliostro com impossibilidade.

— E como sabe, primeiro de que eu, noticias da corte, o senhor, que é um estrangeiro?
— Porque m'as trouxeram a mim e se não levaram a vossa excellencia!
— Está no pateo a segre do vossa grandeza. — disse Anselmo Sobral, afastando o reposteiro carmezim da primeira sala.
Ouvin-se então distinctamente a vozaria das comitivas no terreiro e o rodar da grande segre no empedrado.

(Continúa.)



O SR. VISCONDE DE CASTELLO BORGES

QUE FOI ASSASSINADO NA SUA RESIDENCIA DA PÓZ DO THEO

As circumstancias de que se acha revestido este crime tem muito de romanesco e de mysterioso. O sr. visconde de Castello Borges foi morto com duas vexaduras na cabeça, tendo sido derrubado primeiro um seu carruão e forçada uma senhora que vivia com o titular a aquella casa crima do Theo.

Os assassinos foram dois individuos que tinham vindo lá para pedir trabalho na propriedade onde ficaram. Apes o crime remanera intacto, alguns direitos o desappareceram. O visconde de Castello Borges pertencia a uma das mais antigas familias portuguezas e chamava-se Felix Manuel d'Albuquerque, tinha o curso da escola agricola de Coimbra e vivia n'aquella propriedade com miss Mary Anne, a senhora que tambem se morta pelos mafiosos.



CONDE LUIZ BIVAR

(PRESIDENTE DA CAMARA DOS PARES, FALLEO EM 5 DE SETEMBRO EM VILLA NOVA DE PORTUGAL)

O veneravel ancão que acaba de fallecer foi durante toda a sua existencia um honesto. Respetado e querido, o presidente da camara dos pares morreu deixando uma tradição de honradez e lealdade.

Foi governador civil de Faro e presidente da camara dos deputados de 1882 a 1885, sendo nomeado par do reino em 1890 e presidente da camara alta em 1896, Era do Conselho d'Estado e juiz presidente do Supremo Tribunal de Justica.

CHRONICA ELEGANTE

As grandes casas de modas de Paris, Londres, Berlin e Viena já a esta hora estão elaborando as novidades que hão de delectar a *fashion* das proximas estações de outono e de inverno. E' fora de duvida que d'estas altas combinações nada transpira por enquanto para o publico, mas, pelas tendencias actuaes, pôde-se antever pouco mais ou menos qual deverá ser a fórma preferida das *toilettes*.

Nota-se primeiro que tudo um accentuado *retorno* aos feitios que desenhão bem o busto e a cintura.

Os corpos deixão de ser tão fufados como até aqui, os casacos largos ficarão reservados para as occasiões muito sem cerimonia ou para os *mantoux* de noite, e todas as preferencias serão para os casacos justos com abas compridas, chegando mesmo a usar-se a grande *redingote*. As abas dos casacos Luiz XV serão por vezes progredidas em grandes machos ou pregas fundos ludo em volta e até mesmo franzidas quando se trate de fazendas macias e finas.

Com prohemisso que só as pessoas de impecavel plasticidade e extremamente or-

bellas pôdem impunemente adoptar estas modas. No genero do agasalho menos *habillé* veremos figurar os *carrick*, *macfarlane* e outros feitios sempre com grandes cabeções e romeiras; para arruagem as grandes e comportaveis *capas* chamadas *monte pepain*, que dão uma vaga idéa dos antigos chales.

Para sahidas de baile, theatro e ensino as longas *pellicias* leves e elegantissimas em *popeline* de soda, *taffetas*, seda *Liberly*, uolochondas de penugem (*dinet*) até ao meio das costas e profusamente guarnecidas de *mouselines* de seda e rendas. Para pessoas de certa idade reaparecem uns *mantoux*, no genero dos antigos *visites*, feitos de seda *châtelaine*, especie de *ottoman* e enfeitados de rendas e folhas de soda com *ruchés* e *volantes* de tulle de *mouseline*, etc.

Os primeiros frios d'outono farão apparecer a grande *veste* de seda chamada—*Écologiste*—que parece destinada a fazer sensação, pela sua fórma muito justa, moldando o corpo como uma couraça; a casaca *Directoire* com grandes *revers* de setim ornados de grandes botões no genero antigo e tambem a verdadeira *veste* Luiz XV, que se exccentará em velludo, seda ou

setim lavrado e botões de metal artisticos ou de cristal. Estes feitios todos não farão, porém, abandonar os *boleros*, *blusoras*, *paletots*, *pellicines* e outros agasalhos, que continuarão da mesma maneira a ser usados, posto que não apresentem a mesma novidade e originalidade dos novos modelos. As grandes *charpes* de plumas frias, *proças*, brancas ou mescladas constituirão um dos objectos preferidos para passeio a pé e de carruagem, para sahida de theatro e mesmo para sala.

FIG. 1—Grande *redingote* em panno cor de canella pospostado de preto com botões pretos. *Toppe* de feltro com azas *Mercure*.

FIG. 2—*Paletot* Luiz XV em *popeline* de seda havaiana com galões de seda branca bordados a ouro com botões artisticos, cabeção bordado a seda branca e puinhos de renda branca. Grande *feutre* preto com pluma havaiana bordada de branco.

FIG. 3—*Toilette* de passeio em panno melange cor de tabaco. *Bolero* forrado de seda creme e *chemisette* de seda e róm bordada. Chapou com fundo *damier* cor de tabaco e creme com renda castanha.



FIGURA 1



FIGURA 2



FIGURA 3